

DOCE IRMÃ DO SONO

Um programa íntimo que convida o público a partilhar com os artistas a música e o silêncio, a palavra e a reflexão.

Nas palavras de Agostinho da Silva, "Tanto mais alto subiremos quanto menos considerarmos a morte como um enigma ou um fantasma, quanto mais a olharmos como uma forma entre as formas." Na Grécia antiga a Morte, talvez pela sua inevitabilidade, não era encarada de forma negativa mas apenas como qualquer outra etapa da vida. Era reconhecida à Morte (Thanatos) a mesma suavidade e doçura que ao seu irmão gémeo, o Sono (Hypnos). É exactamente este espírito de suavidade e doçura que será evocado neste concerto.

Com este ponto de partida, a interpretação da **Missa de Requiem a seis vozes de Frei Manuel Cardoso** será enriquecida com a leitura de poemas de vários autores portugueses pela actriz **Ana Zanatti**. Apesar dos séculos que separam a música e a poesia apresentadas, o Grupo Vocal Olisipo propõe-se destacar a semelhança de estado emocional entre ambas, na sua visão da morte, passando da sensação de tristeza inicial para o desespero causado pela ausência e culminando na aceitação da paz da eternidade.

Lançámos ainda o desafio à escritora Ana Reis Felizardo de escrever um poema que captasse o conceito deste concerto. Este poema, "Requiem para um retrato sépia" é apresentado no concerto, entre outros, e a sua inspiração é de seguida apresentada pela autora.

"Foi precisamente o desafio de olhar a morte como uma "forma entre as formas", que me orientou no turbilhão de sentimentos que a temática tão naturalmente desperta. Não querendo divagar sobre questões de fé, sobre as quais os poetas são suspeitos e dúbios, parti dos ensinamentos da medicina antiga, com tudo o que de cientificamente questionável possam ter, pois é exactamente isso que lhes confere poesia.

Segundo a medicina antiga, de acordo com um estudo de P.-A. Février, "quando um homem está morto, ao terceiro dia, o seu corpo transforma-se e toma a sua forma reconhecível; ao nono dia, o corpo dissolve-se por inteiro, salvo o coração, que se conserva; no quadragésimo dia este desaparece com o resto".

Os mortos vivem na memória dos vivos. À medida que o corpo perecível se transforma, também as lembranças vão sendo reconstruídas e reinterpretadas. Desde sempre que existe uma relação de solidariedade entre os vivos e os mortos. As memórias dos mortos são preservadas pelos vivos, enquanto forem lembrados, existem. Em troca, os mortos, no silêncio e na ausência, demonstram-nos o valor inquestionável de cada momento da nossa própria vida."

Apresentações anteriores do programa:

Ciclo "Os Sons de Almada Velha", edição de 2013

Festival Música em São Roque, edição de 2013

Festival Cistermúsica, edição de 2018

Críticas:

"a interpretação dos Olisipo foi segura - as vozes bem entrosadas, com os extremos ricamente timbrados; o fraseado bem controlado e o peso das partes equilibrado; o estilo, perfeitamente interiorizado. Em suma, uma execução competente e sensível, que justificou o largo aplauso da audiência no final do concerto." (Manuel Pedro Ferreira - Público, 12 de Novembro de 2013)

Programa a cappella

Polifonia portuguesa séc. XVII

Requiem a 6 de Manuel Cardoso

**Poesia contemporânea declamada
por Ana Zanatti**

